

Relato de experiência: a *Quarentena Poética* como resistência de um grupo teatral.

João Valadares

João Paulo Valadares Coimbra

Mestre em artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-U-FMG). Fundador, ator e diretor da Preqaria Cia. de Teatro.

A ordem é essa: primeiro a vida, depois o resto. Então o teatro, que é uma arte essencialmente presencial que aglomera pessoas teve que fechar por conta da pandemia causada pelo novo Corona Vírus. Durante o isolamento social, não podíamos seguir com as atividades de nossa Associação tais como as apresentações da *Preqaria Cia de Teatro* em escolas, empresas, festivais e teatros; os espetáculos e workshops de outros artistas e companhias que recebemos no *Centro Cultural Nacional Teatro Preqaria*; as aulas da *Escola Livre de Artes* nas áreas do teatro, dança, música e capoeira; outros projetos como o cineclube *Cinefilia* e o sarau musical *Arte Brasil*, os festivais como a *Temporada de Teatro de Sete Lagoas* e o *Curta Teatro — Festival de Cenas Curtas de Sete Lagoas*.

Na segunda feira, dia 16 de Março de 2020, mesmo antes dos decretos dos governos municipais e estaduais que fecharam bares, lojas, cinemas, teatros, parques, e todos os espaços que provocam aglomerações, tomamos a decisão de fechar o Centro Cultural para evitar o possível contágio de artistas, alunos, espectadores e equipe de colaboradores.

Naquela segunda-feira de março, havíamos desmarcado o ensaio da manhã e começamos a tomar providências da manutenção do espaço que ficaria fechado a partir daquele dia. À tarde, enfrentamos um problema com cupins que estavam atacando o cenário de madeira do espetáculo *Nosso Estranho Amor*. Para fechar, precisávamos tomar a decisão do que fazer com os materiais consumíveis, onde guardar cada coisa, descartar o que iria perder, tirar as coisas da dispensa e da geladeira, enfim, seria o último dia que iríamos ao teatro, necessitávamos nos preparar.

Enquanto vivia aquela sensação de guerra, em que precisávamos bater em retirada, me passou pela cabeça um verso: “É guerra, vamos para casa lutar com a nossa própria solidão”. Tive uma ideia e propus ao grupo: gravar vídeos com atores declamando poemas para alimentar as redes sociais enquanto estivéssemos sem atividades. No teatro as decisões são rápidas, trabalhamos um conceito de jogo, de ação e reação, que prescinde de um estado de prontidão, uma disposição para o *hic et nunc*¹, que nos impulsiona para a resposta imediata. Quem estava lá, apesar do desânimo com a situação e o cansaço, se animou. Foi um grande esforço de todos, começando o trabalho no meio da tarde, separando os poemas, preparando a câmera, experimentando uma iluminação. E depois as gravações com várias tomadas, buscando organicidade e verdade nos textos ditos. Fizemos uma maratona que foi até as 00:45 da madrugada do dia seguinte. Em um único dia, nove horas seguidas, gravamos mais de dez vídeos. Também já saímos de lá com um nome para o projeto: *Quarentena Poética*.

1. Em latim: aqui e agora.

A proposta inicial era postar aqueles vídeos a partir do dia seguinte até a próxima semana, não sabíamos então quanto tempo o *lockdown* duraria. Assim fizemos, postamos em nossas redes sociais e plataformas de vídeo um poema por dia e quando os vídeos acabaram passamos a fazê-los em casa. O retorno positivo do público nos meios digitais nos levou a um movimento subsequente, um encontro presencial para declamar poesia on line por vídeo conferência. Assim nasceu um segundo projeto que recebeu o nome de *Sarau PoetiQo* e que, desde então, acontece todos os domingos as 19 horas.

1. Crisálida

Cartilha

Ao caminhar no sol/ percore no calor dos raios/ para flertar com eles
as violetas./ Vai entender sem muito esforço que brisa é água corren-
te/ e sombra, uma piscina natural./ Mastigando um tomate/ tente
tirar o gosto da língua./ perceba o cheiro com as bochechas./ tasteie os
líquidos./ os sólidos./ o quanto saliva até engolir./ E na tristeza./ Evite
se acomodar com os sonhos/ Não reconstrua o quarto daquela noite./
Não escreva um novo poema./ Nem planeje pular da janela./ Apenas
se envolva/ Em um abraço./ Fragilizado, vai desfazer o sorriso besta
que carrega nessa cara besta/ Vai enfrentar a dor com o apoio de um
amigo./ E se chover, chova também./ Seja uma gota pequenina/ para
inundar, na medida do impossível./ o deserto que costuma chamar
de vida./ Incontestavelmente o céu irá se abrir./ mas seja cauteloso/ e
antes de olhar para alguém./ certifique-se que os olhos não estarão
guardados/ no dia distante em que conheceu a felicidade.../ E se de
fato beijar uma mulher/ não o faça por pretexto.

Não menospreze esses pequenos absurdos, / lembre-se dos tomates

e tire o gosto do cérebro/ (faça trocar mais do que saliva)./ Assuma
de uma vez por todas que não pode fingir que é tão pouco./ Que não
é intenso./ que não se completa./ E se quando olhar, ver./ se o fim de
tarde morar em seus olhos./ use-o como pretexto./ porque o beijo vale
a pena.²

2. O poema *Cartilha* compõe o livro “Clichês e Flores” em fase de elaboração

A partir de agora gostaria de refletir um pouco sobre os acontecimentos até aqui. Como os vídeos e os encontros *on line* aconteceram e evoluíram com o passar do tempo, quais recursos de linguagem foram explorados? E também, como estamos falando de arte e poesia, como estamos falando de projetos culturais durante uma situação extremamente difícil, com pessoas doentes e morrendo em escalas alarmantes, vou falar do sentimento que acompanha cada uma dessas etapas. Para Humberto de Campos, nos estudos teóricos sobre poesia brasileira até o primeiro quarto do século XXI tendia-se a tratar o sentimento, o conceito e a imagem como formas artificiais, ou no máximo dando-lhe sentidos estritos. Campos pensava a poesia de uma forma mais abrangente e fez uma bela descrição da poesia a partir desses três conceitos primordiais:

A poesia foi, inicialmente, sentimento. O homem escutou a voz íntima que lhe falava em silêncio, e cantou. Pouco a pouco, porém, à proporção que ia sentindo a vida e a beleza das coisas que o rodeavam, começou a recorrer a estas para definir e dar corpo à sua emoção. E a imagem apareceu, ornando, enfeitando, enriquecendo a poesia. Posteriormente, com o amadurecimento da razão, com a extensão do espírito filosófico, surgiu o conceito. E conceito e imagem tornaram-se as duas asas do inseto de ouro, de que foi crisálida o coração. (CAMPOS, 1935, p.07).

Como poeta e amante da poesia vejo com assombro como essa definição abarca qualquer poema que tenha escrito ou lido independente da estética ou movimento que pertença, dos clássicos aos contemporâneos. O que me parece de grande presença e força tanto para descrever a poesia como área de conhecimento, quanto para falar um poema lido a luz da definição na citação acima. Essa é a definição que eu gostaria de usar aqui como possibilidade de estruturação do pensamento. Em nosso trabalho, estamos tratando de uma experiência em que a poesia aparece expandida como um projeto midiático, um ponto de partida para a interação do teatro com o seu público.

Não é pretensão minha discutir teoria literária, peço licença para, neste relato, deslocar a belíssima definição de Humberto de Campos para pensar as etapas de poema em vídeo que realizamos em nossa *Quarentena PoetiQa*.

Claro que os textos, os poemas em si, já evocavam além do sentimento, as imagens e os conceitos, mas, apenas à título de estruturação do pensamento vou buscar construir esse relato e apresentar os exemplos de vídeos desenvolvidos como produtos artísticos, os vídeo-poemas, à luz da definição que nos apresenta Campos com seu inseto de ouro.

Essa experiência midiática se apresenta de tal maneira que, ao que parece, as fronteiras que se estabelecem em nosso relato são as da arte com a comunicação. De um lado alguns valores abstratos ou simbólicos da técnica artística da escrita, da presença dos atores, da criatividade literária, da subjetividade audiovisual; do outro o aparato técnico da câmera, da edição e do tratamento de imagens, das plataformas digitais que o recebem.

Então vamos lá, valendo-me dos princípios elencados por Humberto de Campos busco uma estrutura para descrever nossa experiência poética nos difíceis tempos de isolamento social.

2. Coração

Confinamento de animais selvagens

Corpanzil em pausa, músculos, desejos e ossos./ A chafurdar em si / as poeiras antigas no baixo plano./ Perpassar pessoas digitalmente,/ são outros músculos, os mesmos medos,/ outros sonhos, a mesma angústia./ Da para reconhecer-se alinhado,/ interessado até, um pouco envolto, mal planejado./ As covardias, impedimentos, pudores do corpo,/ distanciamentos, espirros, espasmos da falta de ar./ vêm à tona para redizer/que somos ainda, e sempre,/ Rinocerontes./ Esses preceitos são de campos distantes, florestas asiáticas/ pântanos africanos,/ ou poéticas brasileiras./ Sua raça, minha origem,/ seus achismos em construções./ Na busca genealógica de ser mais bicho/ e deste humano se libertar./ No mínimo recomençar./ outras histórias,/ futuras democracias,/ sem a sombra lúcida de verdades totalitárias,/ partes e partidos de um país/ pedaço coisa social,/ ainda por se construir moral,/ consentimos em achar normal./ Meu corpo bicho./ Animal político./ De um córneo ou dois,/ um lado ou outro,/ buscando buscar,/ caçador de si, de mim,/ sabe, sei, sem teses ou dissertações,/ sem razão apenas intui,/ que o bicho solto após o cárcere de sua casa,/ será livre/ de suas verdades.³

Eu não estava muito bem por conta de uma notícia de que uma prima que mora nos Estados Unidos e tá morrendo por conta do Corona, fiquei bem baixo astral porque é uma pessoa muito querida, eu estava saindo de todas as redes não vendo muito sentido nessa maluquice de tanta informação, aí entrei na Rede Nibu¹ e estava lá o seu convite, meio sem querer eu resolvi entrar.(...) Eu queria dizer para vocês que foi muito gostoso, me alimentou a alma, foi muito legal conhecer vocês mesmo que virtualmente e trocar essas poesias que são vitais. Apesar de trabalhar com cinema a minha diversão é ler e sinto que essa história toda está servindo para unir pessoas que tem alguma afinidade. Estarei com vocês no próximo domingo.⁴

Os primeiros vídeos que gravamos no último dia antes do isolamento, ainda no *Centro Cultural Nacional Teatro Preqaria*, e os que se seguiram depois quando já gravados em nossas casas, tinham a seguinte configuração: o ator, de frente para a câmera, olhando para ela, com o texto decorado ou lendo em recurso de *tele-prompter*⁵. Esses primeiros vídeos não tinham edição, eram

3. O poema *Confinamento de animais selvagens* foi escrito durante a pandemia, em Abril de 2020, do livro “Respiro de Gaia”, em fase de editoração.

4. Testemunho de Eloá Chouzal, historiadora que trabalha com pesquisa audiovisual em São Paulo para museus, programas de TV, cinema e teatro. Ela enviou esse relato após participar do *Sarau PoetiQo* em 03 de maio de 2020.

inscritos através de legendas o nome do autor e do intérprete, e incluso no começo ou no final uma assinatura do projeto criada por nosso designer com os dizeres “Quarentena PoetiQa” (FIG. 1)



Figura 1 – frame do vídeo Sempre Aqui, com João Valadares

Fonte: Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=hBXNR6l8hBk>

5. O *tele-prompter* é um recurso muito usado no jornalismo e programas institucionais onde o texto a ser dito é exibido na frente da tela de forma que o indivíduo pode lê-lo e manter o olhar na câmera.

Não havia música, nem tratamento da imagem. Para o material que foi gravado no Teatro escolhemos, como já mencionado, um enquadramento único a todos e, também, uma escolha única de iluminação. Como atores e alunos de teatro, acredito que encaramos aquela primeira etapa do trabalho dando ênfase ao seu caráter literário. O que buscávamos na interpretação era compreender e difundir a mensagem, o sentimento, o coração do poema e do poeta. Trazendo o historiador da Arte E. H. Gombrich (1988) para o diálogo, podemos ir adiante e afirmar que dos valores artísticos que estavam em jogo naquele momento, não era o rótulo que importava, mas a sensibilidade, o sentimento, a sutileza do poeta e, também, do ator que interpreta o texto.

Podemos explicar isso para a cabeça, mas não para o coração. Evocando a diferença entre poesia e poema, podemos dizer cientificamente que há poesia nesta simplicidade técnica. Se fosse presencial, a declamação em um sarau de corpo presente, diríamos que os atores ou declamadores em ação iriam em busca de uma “performance poética”, tocante ou sensível. E essa apresentação estaria atrelada a imagem do ator na cena, e a temática que escolheria traria conceitos de linguagem.

O poema é a obra em si, registrada em alguma plataforma com as letras e os códigos da língua em que é expresso. No entanto, o poema falado se abre para outros elementos de comunicação e poesia. A mais simples escolha de enquadramento e iluminação, a mediação pela câmera, a figura do declamador e o envolvimento que demonstra, já determinam, ampliam e expandem seu conteúdo poético ou, ao contrário, essas mesmas escolhas podem diminuí-lo ou mesmo destruí-lo.

Nada passa intacto pelo coração, nem a ciência. Gombrich (1998) é da opinião que qualquer pesquisador que escreva sobre arte, e principalmente sobre arte contemporânea, tem o dever de chamar a atenção para o efeito “involuntário de sua atividade”, atentando para o risco de modificar a posição da arte e dos artistas na sociedade por quase sempre considerá-los sob certo engenho de rótulos.

Já as voltas como o Modernismo, e seus poetas “devotos do metro livre” no primeiro quarto do século XX, Humberto de Campos falava de uma geração não só no Brasil, mas em todo o mundo ocidental que “despindo dos atributos eruditos”, buscava a poesia “ingênua” dos primeiros homens, a novidade era a pureza do sentimento. Quero considerar para esse relato, que

na recente história da poesia registrada em meios audiovisuais, aquilo que podemos chamar de vídeo-poema, esta maneira de uma poetiza, um poeta ou declamador, atriz ou ator, declamar um poema parado, olhando para a câmera, ser o coração do vídeo-poema.

Entre as quase três décadas de reedições de seu livro, do lançamento em 1949 até a décima terceira edição em 1977, Gombrich pôde constatar na realização artística e nos pesquisadores em arte uma espécie de busca incansável do novo. A esse respeito alertava:

Referi-me à tentação de cair num palavreado engenhoso a respeito da arte. Mas esse perigo é trivial comparando à impressão enganadora que tal panorama poderá dar de que tudo o que importa em arte é a mudança e a novidade. Foi o interesse na mudança que acelerou a mudança até alcançar seu ritmo vertiginoso. (GOMBRICH. 1988. p.485.).

Apesar da situação de calamidade pública e sanitária e de estarmos todos presos dentro de casa, creio que nosso entusiasmo e interesse de seguir adiante provocou mudanças na forma como apresentaríamos os poemas, e nos levou a meios capazes de alargar o coração de nossos produtos midiáticos e adentrar na definição dada por Humberto de Campos à poesia. Ganhamos uma asa: a imagem.

3. Imagem

Cápsula

O que lhe posso dizer?/ Contemplação./ Estes ventos transversais/ crucificam o mastro no alto da serra./ Sob esse ponto, miro./ lenta,/ a água que corre no reflexo das nuvens,/ essa magistratura no tronco das árvores interrompem o fluxo/ de nossos movimentos,/ encontro de corpos/ em seus longínquos cabelos./ De olhos fechados,/ Antessentindo intenso adentrar-se/ alheia ao voo inquieto/ da bruxinha rasteira/ no gramado sem poda/ no canteiro da lagoa./ Boa é a foda/ nesta noite atoa./ Caça legítima de distorcer o tédio./ E toda a pacata cidade no exterior em sacrilégio./ pressente/ íntima/ que a saudade se esvai./ Os cães ladram aplausos/ e do vidro embaçado escorre uma lágrima festiva./ Quando o sexo coroa o amor/ os amortecedores subjugam-se ao fluxo das águas/ por dentro dos fluídos/ percorrem todos os cantos./ Minha calça no banco da frente./ Teu sutiã nas minhas costas./ Todo esse suor/ sentimento líquido/ ocupou-se de trocar absurdos./ E quando se larga em meu peito nu/ somos sopa/ e no interior da capsula/ o tempo para em um sonho cósmico./ Meu amor./ desenho flores e arabescos/ em tuas costas./ Por tua cabeça percebo./ e estes são breves instantes./ que não passam pensamentos./ antes o fluxo./ meus dedos em teu dorso./ Um luxo de gotinha/ escorre por tuas coxas./ Ali fora o vento mudou/ e as ondinhas vão de novo em direção a serra./ No embaçado do vidro/ vejo com deleite/ você escrever com dedo:/ "te amo!"/ depois é só encanto.⁶

6. O poema *Cápsula* foi escrito durante a pandemia, em Abril de 2020, e integra um livro chamado *Respiro de Gaia*, em fase de editoração

Muitos dos atores, poetas e alunos de teatro participantes da *Quarentena PoetiQa* passaram a se desvencilhar daquela primeira proposição, composta por um ator de frente para a câmera, para evocar imagens que tencionavam o poema, buscando tanto ampliar seus sentidos quanto apresentar estados ou sensações na relação com o texto.

Segundo Humberto de Campos "A imagem dá extensão ao pensamento" (CAMPOS. 1935. p. 08), para as pessoas de teatro uma palavra muito comum no dia a dia do trabalho é a presença. Costumamos dizer que um ator em cena é responsável pela própria presença e, o que queremos dizer com isso é que

sua imagem diante do público traz sempre algum significado pré-expressivo. Ou seja, antes mesmo de dizer ou fazer algo, e independente da estética, do figurino, do cenário, da luz, ele pode e deve manipular a própria energia, ou o seu estado, criando uma imagem interessante ao olhar do espectador.

Para lidar com os poemas como produtos midiáticos passamos a reconhecer nossos corpos, ou a presença deles nos vídeos, como imagens detentoras de significados.

Para o pesquisador na área de audiovisual Arlindo Machado (1998) a compreensão da música contemporânea sem as referências narrativas ou figurativas é quase impraticável. Para ele, desde o advento da televisão e do cinema, se tornou impossível determinar se a “música é um discurso autossuficiente, um discurso eloquente na sua pura dimensão acústica” (MACHADO. 1998. p.58).



Figura 2 – frame do vídeo Relato póstumo em vida, com João Valadares. Fonte: Link do vídeo da foto: <https://www.instagram.com/tv/CBEXoBJHaFp/?igshid=tac4ih9zwkrb>

Este pensamento pode vir de encontro às questões levantadas por esse relato que pensa a poesia como produto midiático e que, por essa razão, não pode ser dissociado da imagem. Ainda falando da música na era audiovisual, Machado considera igualmente difícil dizer com precisão que papel “podem desempenhar, na apresentação musical, as imagens da televisão e do cinema” (*Ibidem*, p.59). Fato é que essas imagens na música do século XX até aqui, e em paralelo na construção poética que estamos produzindo em nossa *Quarentena*, são determinantes, interferem diretamente no aspecto semântico da “leitura” do poema.

O que se apresenta neste contexto de estética polifônica é uma aproximação do termo grego *mousike*, que significa literalmente a arte das musas, e que dizia respeito a uma espécie de espetáculo cênico híbrido que unia poesia, teatro, dança, música, mascaramento, truques de mágica, troca de cenário e filosofia.

Alguns dos vídeo-poemas trouxeram a imagem do ator/declamador transformada pela iluminação ou pelo tratamento da luz com filtros e recursos de edição. Os atores passaram a se mover, dançar, ou executar ações resignificando sua presença cênica diante da câmera. Essa foi nossa imersão e maneira de fazer nascer a “asa” da imagem em nossa experiência.

Como vimos em Gombrich, pelo impulso da novidade, nossa experimentação não pararia ali, o *mousike* multimídia que se formava precisava ainda de uma segunda asa, nutrida pela filosofia para gerar conceito.

4. Conceito

Conflito linguístico

Antes desta vida de plástico,/ sempre.../ antigamente, hoje e ontem./ Sempre./ antes do acovardamento,/ dos automóveis e do concreto armado,/ eu era todo transpiração./ Sabia-me apartado deste esgotamento da linguagem./ Ou talvez não o reconhecia./ Uma vida vermelha,/ urucum de transpor os corpos./ Eu bem que podia ser liquido,/ Ser ar,/ ser bicho,/ ser eu./ Era o poema,/ o elo fundamental que/ se quisesse/ poderia formular uma ideia de nação./ Não precisava dos artigos acadêmicos nem de pretextos editoriais./ Eu era eu sem forma pronta,/ de boca pintada/ e sexo rijo./ Sei o que deve estar pensando,/ sim, era mulher no corpo de homem./ E essa não é uma questão de gênero./ Era início,/ o start da aventura humana,/ apto, pronto para ser tudo que podia ser./ Inteira./ Sei que deve estar pensando que o tema é grave, mas o princípio é leviano./ Já refleti sobre isso e não cheguei a uma conclusão./ A poesia ou o poema,/ a mulher ou o homem,/ sabiam se arredar do nome próprio./ Quer dizer que não tinham sexo,/ e essa também não era uma crítica de representação,/ embora a história contada pelas instituições/ sempre,/ antigamente,/ ontem e hoje,/ negligenciou o feminino, os negros e os outros gêneros./ Não há tradição. Há um cânone.../ Sem solução para o problema/ fiz pose de egípcia,/ beijei seus lábios,/ me atirei em aventuras do além mar/ e perdi algumas guerras./ É que faz parte da minha essência sempre me aconchegar com a melancolia./ Sempre./ Bem, antes de continuar teremos que reconhecer uma questão normativa,/ que nenhum fundamento é seguro/ porque as obras estão de plástico.../ Não me cobrem por isso./ Ou melhor,/ cobrem sim,/ porque se não vamos morrer./ Porque se não essa tendência para o vazio/ não vai destruir apenas a poesia/ antes disso,/ vai extinguir a vida./ Eu sou esse esforço de ovular a realidade./ Tenho propensão a gerir ideias cantadas./ Acompanho a raça com ou sem metalinguagem./ E faço isso com ritmo,/ sem gênero,/ vindo da mente e do corpo,/ acesso a alma sem preconceitos religiosos/ e o sangue do meu ventre ainda fertiliza o planeta./ Como proposta de rebatimento concreto/ a isso que chamamos vida de plástico/ rogo aos seus corações:/ transpiração sem nome próprio./ Participe-me das coisas do mundo!/ Dos filhos e dos livros,/ das aldeias e dos navios,/ dos amores e escritórios,/ participe-me da desorientação de seus governantes,/ das escolas, lições de casa e dos churrascos de domingo,/ das estações e previsões do tempo,/ dos noticiários,/ das alegrias e agonias./ Não demora você vai morrer,/ então procure ajudar as pessoas,/ empunhe a pena com este propósito,/ faça com afinco,/ como ofício/ e abrigue as consequências./ Vamos fazer descer a balança estrutural/ para subir a balança da cultura./ Vamos salvar vidas,/ lavar bem as mãos,/ usar máscaras,/ ficar em casa,/ voltar-se para si,/ e sair pro mundo./ Faça isso anonimamente,/ a mediocridade arbitrária da representação/ não suporta as opiniões em nome próprio./ Faça isso.⁷

7. O poema *Conflito linguístico* foi escrito durante a pandemia, em março de 2020, e integra um livro *Respiro de Gaia*, em fase de editoração

Em dado momento os poemas escritos ou escolhidos para a criação dos vídeos alargaram a percepção dos atores/declamadores e começaram a ser pensados conceitualmente. Quero dizer com isso que já não era mais a imagem do ator frente a câmera, explorando sua presença e os estados do corpo, que trazia o discurso poético, mas a própria imagem em si.



Figura 3 – Frame do vídeo *Área comum*, com João Valadares. Fonte: link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=pGFUCmf77Us&t=88s>

Os temas expressos no produto poético final estavam, para além do texto, na concepção do vídeo, na ideia que prescindia a mensagem. Para Humberto de Campos o “conceito dá profundidade ao pensamento poético” (CAMPOS, 1935. P. 08). Coincidência ou não, os vídeos conceitos de nossa *Quarentena PoetiQa* ou, menos pretensiosamente, os vídeo-poemas que traziam discussões conceituais, estavam vinculados a poemas que textualmente já se aproximavam da reflexão. Alguns assumindo um caráter de crônica das relações intersociais na contemporaneidade. É o caso do poema retratado na imagem acima, *Área comum*, que traz um pensamento sobre o fato de não conhecermos as pessoas que moram nos mesmos prédios que nós e que, diariamente, dividem conosco a área comum dos condomínios.

Segundo Gombrich (1988), a partir do século XIX, ganhou raízes a convicção de que a arte, a economia e a literatura, são acondicionadas por um “processo irresistível” onde a arte é considerada a principal expressão de uma época. Sob esse prisma ele perguntava: “Não sentimos todos nós (...) que um templo grego, um teatro romano, uma catedral gótica ou um moderno arranha-céu “expressam” diferentes mentalidades e simbolizam tipos diferentes de sociedade?” (GOMBRICH, 1988, p. 485).

Desde a ascensão da era digital a linguagem audiovisual vem tomando conta da arte e, como revela Gombrich, conseqüentemente da “expressão de nossa época”. O que nos leva a pensar que a poesia de nossa *Quarentena PoetiQa* além de seu caráter poético e audiovisual, traz na linguagem uma percepção da arte que está presente em outros processos de significação: uma exploração conceitual, com temas próprios da contemporaneidade.

5. O inseto de ouro

Lei Universal

Nos artifícios da insistência/ madura,/ fruto da banalidade dos dias,/ assim afoita, aplaudida, ignorada/ seguem a arte e os artistas./ Não porque prospectam marés,/ vão ser sempre cheias/ ou baixas,/ mas porque pressupõe reflexo/ da lua sobre o mar./ Porque se encontram no apelo de luz/ que a lua fará sempre ao som para existir./ Porque no mergulho norteiam-se pelos feixes/ translúcidos/ que as águas se permitem atravessar./ Insistência./ Magia da criação,/ sentir e registrar a ampla performance das coisas./ A Lua não faz para Apolo./ O Sol não sabe colaborar com Vênus./ Netuno tem outro mundo submerso geológico, geográfico,/ animal e vegetal,/ pó também, de gotas infundáveis./ Os astros e os deuses,/ metáforas dos sonhos humanos, dia após dia,/ vão se tornando concretos/ na insistência./ Essa força

primeira do mundo;/ os símbolos,/ são também uma invenção./ São a arte!/ Átimo de luz no profundo dos seres/ que sabem conceber,/ Criadora/ não das coisas, mas do significado que elas tem./ Toda a raça,/ espelho de uma epopeia simbólica,/ vem viajando na oralidade, no canto, na voz,/ nos ruídos guturais que ecoam no inconsciente,/ alguns, registrados nos livros./ O que sabemos de nós,/ imaterial, ideia ou ciência,/ vidro, plástico,/ cerâmica, aço,/ tecido, papel,/ garrafas, mordanças,/ bustos robustos,/ costura, literatura,/ transformados através dos tempos,/ imagens rústicas e primitivas,/ são retratos na escolha da matéria./ Refúgio secreto da coisa vista,/ Símbolos insistidos na invenção do artista.⁸

8. O poema *Lei Universal* foi escrito durante a pandemia, em junho de 2020, do livro “Respiro de Gaia”, em fase de editoração.

Rever a trajetória do projeto *Quarentena PoetiQa* problematiza uma série de questões para pensar a poesia a partir de um sentido amplo, da poética contida nas coisas, e das plataformas digitais como receptáculo da arte expandida sob uma perspectiva da multidisciplinaridade. Como diria Arlindo Machado,

Uma semiótica das formas videográficas deve, ser capaz de dar conta desse fundamental hibridismo do fenômeno da significação na mídia eletrônica, da instabilidade de suas formas e da diversidade de suas experiências, sob pena de reduzir toda a riqueza do meio a um conjunto de regras esquemáticas e destituídas de qualquer funcionalidade. (MACHADO, 2007. p.192.).

Não é objeto deste relato discutir e aprofundar os temas de Sentimento, Imagem e Conceito nos produtos midiáticos de nosso projeto. Coube a nossas pretensões apenas identificá-los e observar seu caráter multimídia.

Em nossa experiência com a *Quarentena PoetiQa* a escrita surgiu como maneira de projetar as imagens internas, transcrevendo na linguagem audiovisual o sentimento de um momento difícil, e os conceitos que forjamos de maneira artística, tencionado e expandindo uma linguagem poética. Dependemos da linguagem para traduzir e exteriorizar nossa percepção do mundo e das paisagens do imaginário que nos habita.

Espero sinceramente que esse relato possa trazer impulsos para pesquisas ou experiências ainda mais aprofundadas nos temas elencados, principalmente nessa alquimia luminosa advinda da relação texto-imagem-conceito da qual a poesia contemporânea se vê envolta.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Humberto. **O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

MACHADO, Arlindo. SOCINE - **Da sinestesia, ou a visualização da música**. Cinemas — Revista de Cinema, Rio de Janeiro, 1998.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & Pós-cinemas**. Campinas, Papirus, 2007.

Recebido: 30/06/2020. Aprovado: 18/07/2020